

Cultura

Jornal Artes e Letras

25 Agosto - 20 Dezembro



29 de Agosto a 11 de Setembro de 2016 | Nº 116 | Ano V

• Director: José Luís Mendonça •

Kz 50,00



ARTES

PÁG. 8-9

XABANÚ

“FALTA AOS NOVOS
COMPOSITORES
MUITO CACO”

ECODE ANGOLA

PÁGS. 3-4

O DILEMA DO APRENDIZ DE ESCRITOR

LETRAS

PÁGS. 6-7

X FEIRA DO LIVRO E DO DISCO
ESPAÇO SEGURO DO LIVRO EM ANGOLA

POEMA DE SEAMUS HEANEY



Cavar

Entre o dedo e o dedão a caneta
Parruda pouosa; como arma pega.

Sob minha janela, um som raspante e claro
Quando a pá penetra a crosta de cascalho:
Meu pai, cavando. Olho para baixo.

Até seu dorso reteso entre os canteiros
Encurvar-se, brotarem vinte anos atrás
Dobrando-se em cadência nos batatais
Onde estava cavando.

A chanca aninhada no rebordo, o cabo
Alçado contra o joelho interno com firmeza.
Ele extirpava talos altos, fincava o fio luzidio
Para espalhar batatas novas que colhíamos
Adorando a fresca dureza nas mãos.

Por Deus, o velho sabia usar uma pá.
Tal qual o velho dele.

Meu avô cortou mais turfa num dia
Do que qualquer outro homem no pântano de Toner.
Uma vez levei leite numa garrafa
Mal rolhada com papel. Ele aprumou-se
Para bebê-lo, e em seguida pôs-se a
Talhar e fatiar com precisão, lançando
Torrões nos ombros, indo mais em baixo atrás
Da turfa boa. Cavando.

O cheiro frio de barro de batata, o chape e o trape
De turfa empapada, os curtos cortes de um fio
Nas raízes vivas despertam em minha cabeça.
Mas pá não tenho para seguir homens como eles.

Entre o dedo e o dedão a caneta
Parruda pouosa.
Vou cavar com ela.

Seamus Heaney nasceu em 1939, em Derry, Irlanda do Norte, de família agricultora. Em 1961 formou-se em língua e literatura inglesas na Queen's University, instituição na qual começaria a leccionar cinco anos mais tarde. O impulso para escrever poesia manifestou-se apenas aos 23 anos, com o incentivo do crítico e então professor Philip Hobsbaum. A actividade poética não tirou o seu gosto pela educação: em 1984, tornou-se professor de retórica e oratória em Harvard e, em 1988, passou a dar aulas de poesia na Universidade de Harvard. Em 1995 recebeu o Prémio Nobel de Literatura.

Não é difícil perceber que a fonte primeira da poesia de Seamus Heaney -- Prémio Nobel de Literatura em 1995 -- deriva do sentimento de reciprocidade para com a natureza e a comunidade humana que nela trabalha. Longe, porém, de se restringir a uma esfera puramente introspectiva, o poeta combina o lirismo de suas reminiscências a um sentido profundo de responsabilidade individual diante dos dilemas colectivos.

Cultura

Jornal Angolano de Artes e Letras

Um jornal comprometido

com a dimensão cultural do desenvolvimento

Nº 116 /Ano VI/ 29 de Agosto a 11 de Setembro de 2016

E-mail: cultura.angolana@gmail.com

site: www.jornalcultura.sapo.ao

Telefone e Fax: 222 01 82 84

CONSELHO EDITORIAL

Director e Editor-chefe:

José Luís Mendonça

Secretária:

Ilda Rosa

Assistente Editorial:

Coimbra Adolfo (Matadi Makola)

Fotografia:

Paulino Damião (Cinquenta)

Arte e Paginação:

Sandu Caleia

Jorge de Sousa

Alberto Bumba

Sócrates Simóns

Edição online: Adão de Sousa

Colaboram neste número:

Angola: Adriano de Melo, Dionísio David, João Ngola Trindade, Mário Pereira, Miguel Júnior

Cabo Verde: Anatónio Barbosa da Silva

Irlanda: Seamus Heaney

Normas editoriais

O jornal Cultura aceita para publicação artigos literário-científicos e resenhas bibliográficas. Os manuscritos apresentados devem ser originais. Todos os autores que apresentarem os seus artigos para publicação ao jornal Cultura assumem o compromisso de não apresentar esses mesmos artigos a outros órgãos. Após análise do Conselho Editorial, as contribuições serão avaliadas e, em caso de não publicação, os pareceres serão comunicados aos autores.

Os conteúdos publicados, bem como a referência a figuras ou gráficos já publicados, são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

Os textos devem ser formatados em fonte Times New Roman, corpo 12, e margens não inferiores a 3 cm. Os quadros, gráficos e figuras devem, ainda, ser enviados no formato em que foram elaborados e também num ficheiro separado.

Propriedade



Sede: Rua Rainha Ginga, 12-26 | Caixa Postal 1312 - Luanda

Redacção 222 02 01 74 | Telefone geral (PBX): 222 333 344

Fax: 222 336 073 | Telegramas: Proangola

E-mail: ednovembro.dg@nexus.ao

Conselho de Administração

António José Ribeiro

(presidente)

Administradores Executivos

Victor Manuel Branco Silva Carvalho

Eduardo João Francisco Minvu

Mateus Francisco João dos Santos Júnior

Catarina Vieira Dias da Cunha

António Ferreira Gonçalves

Carlos Alberto da Costa Faro Molares D'Abril

Administradores Não Executivos

Olimpio de Sousa e Silva

Engrácia Manuela Francisco Bernardo

O DILEMA DO APRENDIZ DE ESCRITOR

JOSÉ LUÍS MENDONÇA

O mundo da Literatura mudou deveras. Hoje, temos um mercado livreiro extremamente saturado, que já não consegue escoar mesmo alguns dos best-sellers mundiais e todos fomos atingidos directamente, nos mais diversos domínios da nossa vida social, pelo kifumbe da crise global. A crise económica e a crónica dependência da África em relação às indústrias ocidentais, faz com que o livro, encarecido pelo preço das matérias primas para as gráficas nacionais e onerado pelos impostos

aduaneiros, se torne quase inacessível, pelo seu preço, ao desfrute de uma boa leitura e consequente absorção individual de valiosos conhecimentos por parte da geração jovem. E a juventude vive emaranhada no sistema mundial das redes cibernéticas, nessa teia de mensagens digitais onde fica presa horas e horas, esquecendo-se do livro. Este quadro é agravado pela debilidade estrutural do sistema de Educação, que se pode classificar como “doença infantil do ensino”: trata-se da pobreza literária dos



“O homem lúcido não pode permanecer quieto e resignado enquanto o seu país deixa que a literatura decaia e que os bons escritores sejam desprezados.” (Ezra Pound)

nossos professores primários e secundários, para não falar mesmo dos universitários, que não conhecem a nossa literatura, e, por essa razão, ignoram o seu valor pedagógico e semântico para a formação do cidadão, venha este cidadão um dia a querer ser escritor ou não.

Dentro deste quadro societário, o jovem que pretende vir a ser escritor depara-se com o dilema de, por um lado, não ter acesso à fonte primordial da sua inspiração artística e de uma cultura geral – o livro e a orientação mental e o suporte material pedagógico-familiar – e, por outro lado, estar perante um mercado já saturado de obras literárias. Perante este dilema, que caminhos trilhar?

I – SER ESCRITOR

Este DILEMA DO APRENDIZ DE ESCRITOR arranca da dialéctica do SER e do APARECER. Quando existe uma contradição entre estes dois estados, emerge uma angústia existencial na pessoa do aprendiz de escritor, quando alguém com sabedoria e que é um verdadeiro escritor lhe aponta categoricamente as falhas patentes na obra e lhe aponta o difícil caminho da vida de escriba.

O estado do SER ESCRITOR é um estado latente, pré-histórico da vida do escritor, pois ele só começa a fazer história, ao publicar algo, um poema, um romance, uma peça de teatro.

Este estado pode ser decomposto em três níveis ontológicos:

1. MATERIAL ou objectivo
2. INTELECTUAL
3. METAFÍSICO ou transcendental.

1. O nível MATERIAL ou objectivo é representado pela FERRAMENTA DE TRABALHO, pois a obra literária deve ser construída, segundo Wystan Hugh Auden, tal como se constrói um artefacto de uso social, uma cadeira, uma mesa, ou uma bicicleta. Tal como o marceneiro precisa de dominar as suas ferramentas, o martelo, o prego, a plaina, o verniz, etc., o escritor também necessita de ter o domínio da ferramenta de trabalho de produção da obra literária: A LÍNGUA.

E para poder escrever com ciência literária, a pessoa tem de ter COMPETÊNCIA LINGUÍSTICA. A competência linguística adquire-se na Escola. Existe uma intersecção, uma interdependência estrutural entre o Sistema Literário e o Sistema de Ensino. Tanto é assim que só quando o colonialismo abriu a escola aos autóctones angolanos, puderam surgir nomes como Joaquim Dias Cordeiro da Matta, António de Assis Júnior e outros escritores nossos precursores. Se a escola não fornece ao cidadão esta competência, ou domínio da norma linguística – que permite depois ao escritor fazer as transgressões literárias como fez um Luandino Vieira, por exemplo, – então o cidadão deve partir para o método auto-didáctico: ser o seu próprio instrutor. Assim procederam o poeta moçambicano José Craveirinha (Prémio Camões) e o Prémio Nobel português, José Saramago.

2. O nível INTELECTUAL é representado pela CULTURA LITERÁRIA. Sendo a cultura literária essencial e imprescindível, ela, porém, não pode ser dissociada de outra componente do SER ESCRITOR que é a CULTURA GERAL, ou melhor dito, a cultura literária faz parte da cultura geral.

Uma cultura literária adquire-se pelo verdadeiro diálogo com os escritores consagrados, que se efectua pela leitura das obras destes escritores. Portanto, ao contrário do que apreçoam muitos cidadãos do meu país, **NUNCA OS ESCRITORES MAIS VELHOS SE NEGARAM A DIALOGAR COM OS JOVENS.** Muitos jovens é que não vão ter com os escritores mais velhos, uns por desconhecerem este processo do verdadeiro diálogo, que também devia ser transmitido na escola – e não o é, porque os professores não receberam instrução literária – outros por mera preguiça de ler. Como pode um jovem dialogar com Agostinho Neto que já não faz parte do mundo dos vivos? Ou com Wahnenga Xitu? Não é pela leitura da Sagrada Esperança ou do Mestre Tamoda?

Portanto, a nível intelectual, o jovem deve beber desse manancial da Literatura Angolana e conhecer os



As mãos que manuseiam os livros [Gravura de Albrecht Dürer]



Leituras

escritores desde José da Silva Maia Ferreira até à actualidade, pelo menos uma obra de cada um deles. Depois, deve procurar munir-se da palavra que se encerra no Acervo Literário da Humanidade, a começar pela África, ainda que alguns autores, dadas as dificuldades com as traduções que apenas nos vêm de Lisboa ou de São Paulo. Tem necessariamente de saber quem foi Homero, o grande vate grego, conhecer os poemas de Salomão, que estão na Bíblia, ler um pouco da palavra literária do Brasil, de Portugal, dos PALOP, e de outras latitudes deste nosso mundo.

A par disso, quem quiser ser escritor tem de ter o domínio da História de Angola e da História de África e uma panorâmica geral da História da Humanidade e da Política em que se cruzam as cidades do planeta, e estudar os Direitos do Homem. Mas, não pode ignorar estudos de Geografia, Filosofia, e as vivências do seu povo, a tradição e a cultura angolana.

3. **No nível METAFÍSICO** ou transcendental, um escritor é um ser extremamente sensível que reparte no seu coração as DORES DA HUMANIDADE. Portanto, deve ser um cidadão dotado de uma forte personalidade na defesa dos cidadãos sem voz de todo o Mundo. Por isso, é que, normalmente, os grandes poetas são inconciliáveis com a alta política. Quando nesta entram, deixam de escrever poesia.

Ora, esta componente do ser leva-o à auto-definição do OBJECTIVO ou FIM que persegue o homem ou mulher de letras ainda em potência: o que é que se pretende com a entrada no mundo das Letras, com a obra que se quer ou vai produzir?

O principal objectivo de um aprendiz de escritor é a superação dos autores já consagrados. Quem não dialoga com os autores clássicos, os consagrados, os nossos precursores, não toma conhecimento das obras destes autores e, por isso, não tem consciência desse desiderato a alcançar.

O grande ensaísta americano Ezra Pound é de opinião que os artistas são as antenas da Raça Humana. Diz ele que “A literatura não existe num vácuo. Os escritores, como tais, têm uma função social definida, exactamente proporcional à sua competência COMO ESCRITORES. Essa é a sua principal utilidade.”

Ora, quem pode ser antena, se não for dotado de uma POSTURA ÉTICO-MORAL irrepreensível e de um grande Humanismo? Um cidadão que não sente a dor do outro ser humano, nunca pode ser um verdadeiro escritor.

II - APARECER COMO ESCRITOR

Tal como uma mulher só poder dar à luz um bebé saudável, após um processo de gestão de nove meses, alimentando bem o feto que traz no útero,

também o escritor só aparece quando não existe tensão entre o SER e o APARECER. E só aparece, só leva o livro para ser publicado quando tem a CONSCIÊNCIA de que é um cidadão dotado daquelas propriedades inerentes ao SER, que resultam de um grande investimento na ferramenta de trabalho (a língua); na alma intelectual (a cultura geral e a cultura literária); e no espírito de porta-voz dos sem voz.

Munido destes pressupostos da criação literária, o jovem autor torna-se um intelectual capaz de conhecer o peso e a medida da Literatura, e se torna o crítico da sua própria obra, através de uma análise comparativa das lâminas literárias. Mas só chega este ponto quando tiver definido correctamente o OBJECTIVO, o FIM do seu trabalho como escritor. É a definição do OBJECTIVO que lhe vai permitir resolver o dilema do aprendiz de escritor.

Ele próprio se sente que É UM ESCRITOR e pode então publicar a sua obra. Neste ponto, ele resolveu o dilema do aprendiz de escritor.

Se não estiver consciente do estado do SER ESCRITOR, ele está a viver um DILEMA, um equívoco, e aparece, mas não entra no círculo mais central da Literatura. Ele situar-se-á, antes, no círculo mais afastado do não-literário.

III - CONCLUSÃO

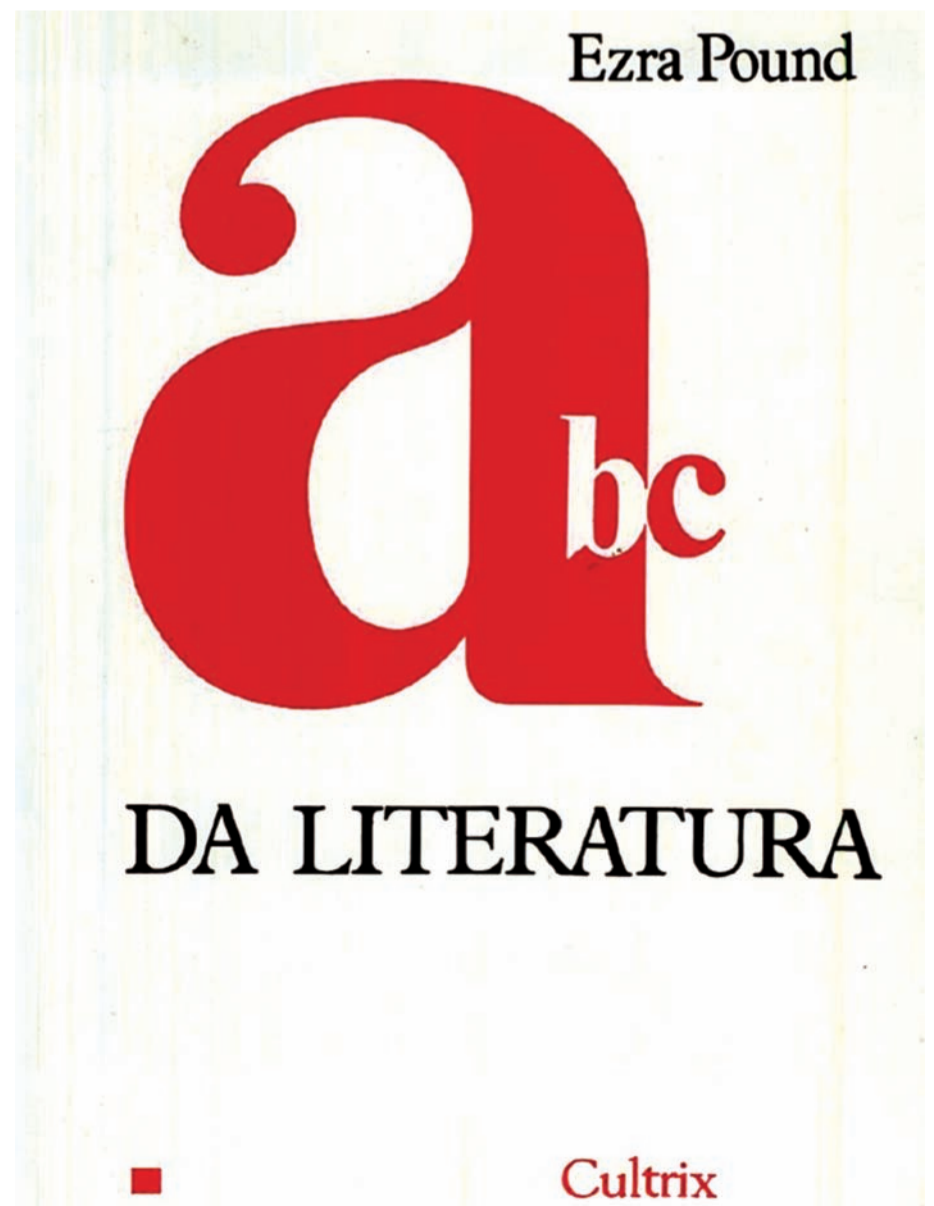
O dilema do aprendiz de escritor reside no problema do acesso ao livro e do conhecimento profundo da Literatura. Como diz Luandino Vieira, “A Literatura se alimenta de Literatura.

Ninguém pode chegar a escritor se não foi um grande leitor.”

Quando participei na VI conferência da CPLP na Praia, em Fevereiro deste ano, abordei a questão da saturação do mercado livreiro e da necessidade de o jovem aprendiz de escritor trabalhar arduamente para superar, um dia, os Mestres que o antecederam. Reiterei na Praia que o principal objectivo de um aprendiz da pena é a superação dos autores já consagrados. Se fui mal compreendido pelos jovens cabo-verdianos, o próprio futuro há-de me dar razão. Tenho a plena convicção de que, se não tiver a preocupação da busca do rigor obstinado, o aprendiz de escritor estará a escrever por pura masturbação escritural.

A minha pretensão é legítima, actual e realista. **Eu quero que os jovens sejam melhores que eu**, melhores que Agostinho Neto, que Mário António, que Lopito Feijóo, que Fernando Pessoa, melhores que José Saramago, ou Ngugi Wa Thiongo. Todas as minhas conversas literárias, nos fóruns literários onde participo, giram em torno desta preocupação, em face do rumo descendente que a Cultura Literária está a tomar em Angola e um bocado por todos os países membros da CPLP.

Pois já dizia Ezra Pound que “*o homem lúcido não pode permanecer quieto e resignado enquanto o seu país deixa que a literatura decaia e que os bons escritores sejam desprezados.*”



Obra sugestiva para o conhecimento da literatura

EDANO LENGOMBE

RITUAL DO GADO DO POVO AMBÓ



Ndahuma e a família

DIONISIO DAVID | OMALYATA

A população de Omalyata, na comuna de Evale, município de Kwanhama, Cunene, celebrou no fim-de-semana a festa Edano Lengombe, um evento cultural dos povos Ambós, que se realiza anualmente no final do período da transumância, e que visa a demonstração dos animais melhor nutridos.

Trata-se de um ritual que ocorre no período de Junho a Agosto, depois dos animais regressarem da zona de transumância, onde a disputa tem a finalidade de encontrar o detentor de melhor qualidade de gado da localidade.

Os animais são levados ao recinto do certame separados por idades, raças e sexo. Ali faz-se a avaliação do tamanho e da qualidade do animal em termos de peso, ganhando o pastor ou criador que tiver o maior número de animais em qualidade e quantidade.

O ritual acontece como uma forma de recuperação dos valores culturais mais antigos da região, perdidos durante a vigência do conflito armado, em particular nesta região do país.

Por regra, o período de pastagem vai de Agosto a Dezembro de cada ano, regressando as manadas após as primeiras chuvas.

Edano Lengombe é uma cerimónia tradicional, com valores culturais dos criadores de gado bovino do grupo etnolinguístico Ambós, que compõem as etnias Ovakwanyama, Ovambadja e Ovavale.

Gervásio Ndahuma, 42 anos, organizador da festa e detentor de mais de 400 cabeças de gado, asseguradas por 15 pastores, mostrou o seu potencial ganadeiro. No total, foram demonstrados 300 animais de diferentes raças e tamanhos, agrupados entre machos, vacas, novilhas e vitelos, que desfilaram por fases, onde o júri atribuiu a melhor classificação a dois machos e uma fêmea com pesos entre os 600 e os 800 quilos.

Os três animais reuniram, para além do peso, a robustez e a beleza. Como reconhecimento, a organização distinguiu os pastores tendo atribuído estímulos de uma quantia monetária de 24 mil kwanzas para o primeiro classificado, 12 mil para o segundo e 8 mil para o terceiro, pelo feito conseguido.

Segundo o organizador do certame, esta é a terceira vez consecutiva que se realiza o evento, depois do alcance da paz definitiva no país.

Gervásio Ndahuma prometeu orga-

nizar todos os anos festas do género, como forma de incentivar a nova geração para preservação dos valores culturais. Lembrou que o gado representa a riqueza do povo Ambó e do povo do sul do país em geral.

O porta-voz da cerimónia, Atanasio Ndiliandike, disse que o Edano Lengombe é um ritual das comunidades locais, pois trata-se de uma competição de animais, é um símbolo com valores culturais da região.

Lembrou que é uma festa tradicional e das mais antigas, por isso é uma iniciativa louvável, num esforço das comunidades na busca da emancipação cultural e preservação da tradição dos povos que compõem o mosaico da cultura angolana.

Esclareceu que durante o desfile os animais são observados rigorosamente pelos mais velhos, atentos aos movimentos, procedimentos e outros aspectos tradicionais seculares.

Alguns aspectos a ter em conta, e que têm a ver com o ritual, começam desde o pátio (Olupale), passando pelo corredor que dá acesso ao curral, dirigido pelos mais velhos com reconhecida idoneidade.

A localidade Omalyata dista a 80 quilómetros de Ondjiva, e é uma re-

gião potencialmente agro-pecuária.

Efundula - festa da puberdade

Para além de Edano Lengombe, os povos Ambó celebram outras cerimónias tidas como importantes na região. Como exemplo, a festa da puberdade feminina denominada Efundula, preparada com antecedência de seis meses e realizada no período entre Novembro a Dezembro de cada ano. Normalmente, a festa decorre durante cinco dias.

Os pais, matam, a partir do segundo dia, um boi ou mais e, nalguns casos, os tios da parte materna da jovem também oferecem animais para serem consumidos no evento.

Se a jovem "onfuko", denominação dada à pessoa que passa pela cerimónia de puberdade tiver compromisso matrimonial, ela sai da festa, após os cinco dias, directamente para a casa dos pais do seu noivo. Onde permanece durante dois dias, regressando depois para a casa dos pais a fim de, durante quatro dias, receber todas as instruções necessárias acerca de como cuidar do marido e dos seus parentes. Depois de todas as formalidades, a jovem noiva segue em definitivo para casa do marido.

X FEIRA INTERNACIONAL DO LIVRO E DO DISCO

MATADI MAKOLA |

A X edição da Feira Internacional do Livro e do Disco, sob o signo "Criar Novos Factos Culturais", slogan da autoria de José Eduardo dos Santos, abriu as portas ao público, de 22 a 28 de Agosto, preenchendo o recinto do Centro de Formação de Jornalistas (CEFOJOR) com mesas onde se podiam encontrar títulos soberbos da literatura mundial, de Hemingway, Cervantes a Luandino Vieira. Num claro voto de confiança à importância dos escritores na sociedade, a vice-governadora de Luanda, Jovelina Imperial, inaugurou a feira com um discurso envolvente, do qual repassamos o seguinte: "A leitura na vida das pessoas é muito importante porque permite que o individuo viaje pelo caminho da imaginação e proporcione novas maneiras de ver o mundo, já que a cada livro que lemos expandimos os horizontes. A construção de ideias passa pela leitura, pois é através dela que mudam os paradigmas em relação à cultura, religião e outros", acrescentando depois que iniciativas afins servirão, pelo cânone literário que pretende fornecer, para fomentar o exercício da crítica literária e elevar as qualidades da oratória e da música, bem como a defesa da classe livreira.

E estendendo aos desafios de aumentar a rede de bibliotecas públicas, reduzir significativamente o preço do livro, e incentivar o sector editorial angolano, que já teve um passado glorioso, depois da independência, como enfatizou Gabriel Cabuço, director do Instituto Nacional das Industrias Culturais, a leitura pode servir como ferramenta para a redução dos índices de delinquência juvenil.

Literatura de auto-ajuda



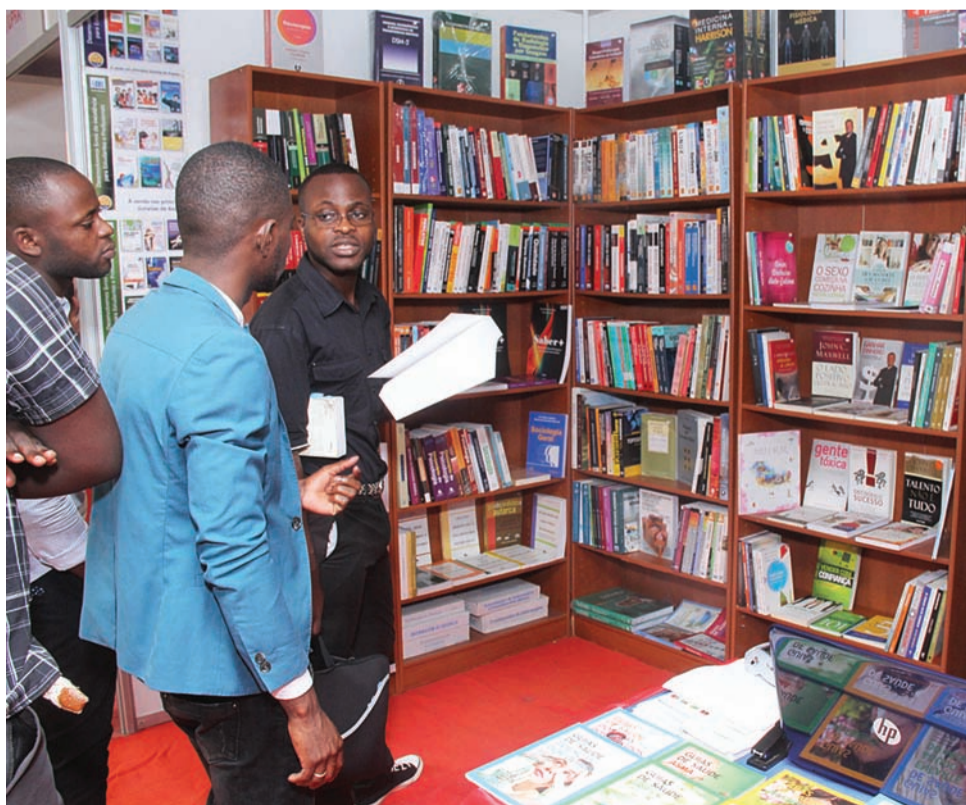
Jovelina imperial (no centro), acompanhada por Gabriel Cabuço (à esquerda) e o promotor Jomo Fortunato (à direita)

Das várias razões da força no mercado livreiro dos títulos da literatura de auto-ajuda, neste caso concreto na X Feira Internacional do Livro e do Disco, Carlos Francisco, que nesta edição põe à disponibilidade do público a sua obra "Sucesso Empresarial Vs Fracasso Familiar", aponta a procura de um casamento sólido como a que mais interessa aos compradores desta literatura. Na lusofonia, é imperioso focar o Brasil como o mercado de maior sucesso, fazendo eco em Angola, elevando à escala de conhecimento geral títulos como "Casamento Blindado", e nomes como Au-

gusto Cury, certamente o autor de auto-ajuda que mais vende em Angola.

Francisco enumera que ainda são muito poucos os autores desta vertente literária, mas vê como promissor o mercado, um pouco porque as redes sociais e a televisão têm sido grandes suportes no enfoque a livros de estimulação psicológica. E se os problemas não têm uma ligação directa, esta literatura os transporta. Como os autores encontram arquétipos e géneros para se agarrarem ao construir ideias que ajudam as pessoas a resolverem problemas pessoais, Francisco conta

a sua experiência: "Eu li o livro 'Casamento Blindado' e 'Pai Rico e Pai Pobre', e destes livros peguei subsídios para organizar o meu, como também foram os grandes incentivos para que eu me afirmasse como escritor de auto-ajuda". Só? Não. Agregou também um inquérito de perguntas e respostas a 25 casais, e claro, como é da praxe nesta literatura, procurou conciliar as soluções com os preceitos bíblicos. "Espero que Angola goste deste meu livro", almeja o autor, em exposição nesta já tradicional feira promida pela Arte Viva, de Jomo Fortunato.



Uma feira com forte presença da massa juvenil





O stand recheado das Irmãs Paulinas

EDITORAS E LIVRARIAS

O espaço seguro do livro em Angola

ADRIANO DE MELO |

O livro ainda tem um futuro em Angola. Apesar das novas tecnologias e do crescimento gradual do digital, o livro continua a ocupar um lugar entre os leitores angolanos. O número de pessoas, que, de forma razoável, foi ao Centro de Formação de Jornalistas (CEFOJOR) ver o que as editoras e livrarias prepararam para vender este ano, era a prova visível disso.

Talvez porque o hábito de leitura de livros digitalizados ainda não seja uma realidade concreta no país, ou porque o impresso (papel) continua a ser companheiro predilecto (na beira da cama ou em longas horas de espera) de muitos leitores, mas a realidade é que adolescentes e jovens provaram esta verdade, durante a Feira Internacional do Livro e do Disco, que encerrou ontem, em Luanda.

Além do número de editoras e livrarias convidadas, claro algumas mais ricas do que outras, em termos de acervo, fiquei impressionado pela diversidade de livros, que iam desde os de literatura aos académicos. A temática era variada. Análises matemáticas, lições sobre economia, empresarial, medicina, ou trabalhos de investigação sobre as etnias angolanas, numa mistura com romances ficcionais nacionais e estrangeiros.

Um senão, no meio deste número de opções que os leitores tiveram, foi o facto de ter mais títulos de literatura estrangeira, em muitos dos stands convidados, ao invés de autores nacio-

nais. Longe de mim criticar as escolhas e interesses dos leitores, ou os critérios de selecção dos expositores. Mas, acredito que os escritores angolanos têm de ter mais oportunidades de verem os seus trabalhos divulgados, especialmente em actividades do género, onde o público pode estar mais próximo dos seus livros.

A literatura ficcional angolana precisa, actualmente, de mais espaço para se impor, de forma a ajudar a dar um “rosto concreto” aos seus autores, alguns desconhecidos dos leitores. Os jovens, como resultado da globalização e da aculturação, têm tido pouco interesse nos livros de escritores nacionais. A curiosidade destes é, na maioria das vezes, mais virada para realidades estrangeiras, trazidas a eles pelas telenovelas e filmes. Logo desperta a curiosidade de ler títulos que foram “best-sellers” e resultaram em filmes. O que não é errado, porque o mais importante é cultivar hábitos de leitura. Mas espero que estes conheçam também um pouco dos feitos de autores nacionais, alguns dos quais tornaram-se referências e influência de toda uma geração.

Outro facto curioso foi a escolha de muitos dos leitores. A maioria preferia os livros de auto-ajuda ou os didácticos, alguns por sugestão de colegas ou recomendações dos seus professores. A literatura ficcional, desde a prosa a poesia, parece ter passado para um segundo plano. Em conversa com alguns destes leitores descobri que as suas escolhas são feitas consoante os seus estado de

espírito. A maioria procura soluções e os livros de auto-ajuda são as melhores opções. Portanto, a escolha de alguns expositores foi a mais acertada.

Os preços dos livros também variaram muito. Os mais baratos foram os de literatura para crianças vendidos pelo Instituto Nacional das Indústrias Culturais (INIC) por 100 kwanzas. O mais caro foi uma colectânea de livros do “pai” da Psicanálise, Sigmund Freud, vendido pela editora Irmãs Paulinas, ao preço de 110.500 kwanzas.

O valor de venda de um livro ainda é um problema. O leitor espera sempre, ao ir em feiras do género, encontrar títulos a preço acessível. Claro que a culpa não recai para as editoras e livrarias, mas sim ao próprio mercado editorial e as taxas pagas por estes. A criação de políticas e projectos que ajudem a facilitar estes valores é um passo essencial, dentro da própria iniciativa do Executivo de aproximar mais os títulos das pessoas, em especial das crianças, de forma a criar mais e novos hábitos de leitura e preparar estes novos leitores para os desafios do futuro.

Este ano, a diversidade não esteve só patente nos livros, as editoras que participaram na feira também mostram que o livro impresso continua “vivo” entre os leitores. Além dos já habituais nomes da praça foi bom ver o que as outras editoras e livrarias, com realce às feitas por iniciativas particulares, tinham para oferecer. Mas é preciso que sejam realizadas mais feiras do género e noutros pontos da cidade, de forma a que os mora-

dores de zonas mais distantes do centro da cidade também possam ter acesso aos livros.

Multiplicidade

Esta edição da feira também levou os amantes e apreciadores de música ao CEFOJOR, assim como os da sétima arte e todos interessados em conhecer um pouco mais sobre a realidade cultural do país. A música marcou presença de duas formas. Uma pelas acções realizadas, desde o primeiro dia de actividade ao último, que levaram ao palco jovens cantores e alguns já consagrados, acompanhados por suas bandas. Ao longo dos trabalhos ficou também marcado a diversidade de géneros, entre os cantores convidados, do semba ao gospel.

A segunda presença da música foram os stands de expositores convidados, que apresentaram ao público, o que de melhor têm nas suas lojas da música africana e internacional.

Durante os sete dias e, sempre, após os espectáculos, a organização preparava uma sessão de cinema, onde o documentário foi o género predominante. As histórias em cada um deles variou, mas a temática do fundo era sempre a cultura e seus fazedores. Um dos destaques foi “Langidila - Diário de um exílio sem regresso”, de Nguxi dos Santos e José Rodrigues, Prémio Nacional de Cultura e Artes, em 2015, “por ter um grande impacto na percepção que as gerações mais novas têm sobre a História”, conforme considerações do júri na época.

XABANÚ

“FALTA AOS NOVOS COMPOSITORES MUITO CACO”

MATADI MAKOLA

Sem significação possível, o nome Xabanú encerra a estória de um homem artista que não pode estar fora das atenções do grande público da música angolana. Quem (re)conhece Xabanú? Ora, poucos, certamente. Porque a máquina da visibilidade da música angolana direcciona toda a publicidade a músicos, principalmente os intérpretes. A contornar tal desatenção, esta solitária homenagem no ZWÁ a Xabanú surge como exemplo a seguir imediatamente e em diferentes performances, para um dia não lamentarmos não termos acariciado em vida os génios criadores da nossa maneira de estar e ser, como Xabanú lamenta nesta entrevista ao CULTURA, reclamando o caso grave do seu amigo Malé Malamba (José Oliveira de Fontes Pereira), que morreu sedento de uma ovação pública à altura do seu génio criador. Se é ou não um sinal para que o ministério da Cultura e instituições afins precisam de ser mais zelosos na justiça a fazer sobre o reconhecimento e mérito a figuras destacadas por toda uma intervenção distinta no aparelho cultural, que consagremos os poucos vivos como Xabanú.

Xabanú subiu à corrente pela sua actuação no domingo, 28, no palco do Palácio de Ferro, no âmbito da III Trienal de Luanda. Dois dias antes do espectáculo, recebeu-nos em sua casa, no Cassequel do Lourenço. Mas são as memórias do seu amado Rangel que o agitam e delas se faz transportar para o período dos kombas, turmas e conjuntos, quando a vida boémia nestes bairros era efusiva e toda a manifestação cultural, a julgar pelas sequelas ainda frescas de todo o malefício do colonialismo, era um imperativo para fazer vincar que tínhamos identidade e que era preciso defendê-la, para que se pudesse chegar à posterioridade com os valores e a memória colectiva.

Nas suas mais de cinco décadas como compositor, nunca antes foi alvo de homenagem. Diz-nos que esta falta de reconhecimento público a compositores já foi motivo de conversas agrídoces no seio destes, mas nunca endereçaram formalmente as suas lamúrias às instituições de direito. É assim que patilha um trecho de uma conversa mantida com Male Malamba em sua casa, em que o ideólogo da Escola do Semba disse a Xabanú: “Nós, os compositores, não somos tidos nem achados. Mas um dia vai chegar a nossa vez”. Neste leque, aponta Lulas da Paixão e outros deste período que merecem ser congratulados da mesma forma, embora muitos já não façam parte entre os vivos.



Xabanú em sua casa no Cassequel do Lourenço

O seu Rangel brotava com amigos como Luís Visconde, Óscar Neves, Urbano de Castro, Elias Dya Kimuezo, David Zé, Voto Neves, Cirineu Bastos e conjuntos como Musangola, Kimbandas do Ritmo, Dimbangola, em sítios como o Salão do Nando, Sporting Rangel, Salão das Lavadeiras, Cinco de Pau, Oito mil e Oito, com festas que começavam à tarde e se estendiam até ao amanhecer do dia seguinte, sob o som delirante do semba, kilapanga, rumba e merengue.

Compõe desde os 13 anos

Conta-nos, sobre o seu processo de criação, que há músicas que a compor demoram um ano, outras demoram uma semana, outras demoram minutos. Está sempre a compor, e há jovens, como acorreram recentemente Legalize e Patrícia Faria, que o solicitam para o efeito.

A sua veia de compositor vem desde criança, um pouco aos 13 anos. São mais de cinquenta canções interpretadas por diversos músicos. Além, claro, de assegurar que tem sempre uma ajuda de Deus, está-lhe no sangue a veia de artista. Pertence a um círculo familiar de músicos e compositores, como Kim Jorge (primo), Sírio Cordeiro da Mata (primo), Kipuka (primo), Raúl Tolingas (tio), Hildebrando Cunha (Sobrinho), Dulce Trindade (sobrinho), Lamartine (primo).

Os musseques, a terra batida e suas estórias e vivências peculiares, sempre foram o pano de fundo das suas canções. São mais de 50 anos de música, dos seus 69 anos de idade. Já não se

lembra das impressões que lhe ficaram no momento das primeiras composições, é um exercício que desconssegue, é longo o caminho da memória, e o tempo não perdoa, são claros os sinais de esgotamento, fora os cabelos brancos que há muito se fizeram maioria na sua cabeça e barba. Salteia de momento a momento, esforçando-se em lembrar episódios, mas aponta “Matulão Cara de Cão”, “Chofer de Praça”, “Kimbanguila” como fontes de grandes momentos.

Nos anos 60/61 integrava a Turma do Carnaval. Nessa época chega a trabalhar com Duia. Na Turma do Caravana lembra os nomes Petróleo, de bom canto, Ventura João José (Dimba Ngola), Zé Ngodiondo.... Esse seu Rangel paradigmático, diz-nos que era um bairro encantador, e que o pode considerar “o seu o paraíso na terra”. Foi nesse bairro que mantém a ligação profunda ao Dimba Ngola, fazendo-se grande amigo de Dominginho, para quem também já compôs alguns temas, um dos quais foi retomado nos dias actuais por Carlos Burity.

A mulher, a Dona Katy, sabe um pouco como saem as letras, “na calada da noite e na noite calada”, como diz, com um sorriso a desenhar-se no rosto.

Novos compositores

“Falta aos novos compositores muito caco”, diz-nos muito seguro de si. Pondera que esta nova geração chega a compor, mas pecam ao confundir semba com merengue, fora a visivelmente forçada composição em

kimbundo, muitas das vezes descompassado. Para si, a força do canto kimbundo é arrebatadora. Aconselha esta geração a recorrer com frequência aos mais velhos como ele, Lulas da Paixão, Dionísio Rocha e outros, para terem um trabalho condigno, sob crivo de autores que, para além de compor em kimbundo, também traduzem em português. Suspeita, com assumida preocupação, que esta geração de músicos apenas “arrisca” falar em kimbundo só naquela automática composição que se pretende como música.

Nutre admiração por Matias Damásio. “Sabe posicionar-se na realidade linguística das pessoas, transformando isso em músicas não ofensivas mas ousadas e eticamente plausível”, elogia. Também critica: “Imaginemos que este todo traquejo do seu cantar no português ao modo angolano fosse em umbundu. Matias seria muito maior do que já é. Deveria compor em umbundu e português. É uma pena que não o faça”.

Nota como outra gralha desta geração, a confusão nas particularidades dos géneros modelares, como o semba e o merengue. Ensina que o merengue tem mais puxada e ritmo e o semba é mais compassado e cadenciado, o que exige atenção na força a dar quando se faz semba, para não resultar num merengue. Por isso é que acha que o Puto Português não canta semba, mas sim uma música de base merengue. “Mas ele diz que é semba. O semba não mu-

da muito, mas há quem não domina as fronteiras e resvala”, pontua.

Penúria

“Eu gostaria muito de ter uma casa condigna e um transporte”, desabafa. Reclama que o compositor apenas vê o que o cantor pode dar, já os músicos, uns ficam ricos e outros vivem folgadoamente, pelo menos. O facto é que os compositores não vivem da música. A ser feito, é de opinião que deveria se achar uma forma de ajustar e melhorar o quadro. “Porque somos poucos em vida, e os que já foram para o outro mundo, muitos acabaram os dias em completa penúria”, lamenta.

Xabanú

Quando miúdo, um dos grandes divertimentos era a praia, de onde saíam carregando peixe, que era depois confeccionado com feijão, e cada um, em dias diferentes, tinha a sua tarefa, entre lavar a loiça, cozinhar ou acender o fogo. Calha que um dia recai a Xabanú a tarefa de acender o fogo, e ao fazê-lo pedia ao seu amigo que trouxesse o abano, gritando desta maneira: “Xé, abano; xé, abano; xé, abano”, repetidas vezes, para o amigo ouvir. Tudo entre amigos e a doçura da infância, nesse dia foi gozado e chamaram-lhe “Xé, abano”. O gozo pegou, ganhando a alcunha Xabanú, e desde então que já não é um problema não ser chamado de Luís Martins, seu nome de registo.

Voltar ao palco como cantor

Nunca se imaginara cantor. Mas já andou nos palcos como cantor, nos Kutonokas e no N’gola Cine. Era preciso ser bom cantor para estar naqueles palcos, porque um erro custava muito, podendo o público lançar tomates ou ovos podres. E destes momentos, guarda, em 70, o feliz dia em que cantou “Beleza”, que deixou a plateia dividida, porque uns pensavam tratar-se de um brasileiro. Tem essa maneira de revelação sentimental ao modo brasileiro, exactamente porque bebe em demasia de artistas como Erasmo Carlos, Evaldo Braga, Milton César, Nelson Ned. Uma publicação da época, de título Noite e Dia, escreveu num dos títulos do seu artigo: “Actuação Simpática de Xabanú. Interpretações razoáveis”.

Com o passar do tempo foi perdendo o compasso do canto, que presume ser por preguiça. Tentou recentemente no Lobito, aquando da homenagem aos Kiezos. Assim, admitiu estar um pouco com “frio na barriga” pela actuação de domingo, onde importa estar confiante. Mas a música já lhe causou outros momentos de medo, como no final dos anos 90 e princípios de 2000, quando via o semba a perder impacto no mercado. De resto, sabe que é muito acarinhado, e garante não estar arrependido de traçar a vida como compositor: “A vida tem desses encantos e desencantos”, reflecte, como que a denunciar que palavras escolheria se lhe incumbissem o desafio de escrever a letra da música que espelhasse a sua vida.



LUANDA CARTOON A FESTA DA BD E OS SEUS INTERVENIENTES



Organizadores do Luanda Cartoon

MATADI MAKOLA |

O hall e a sala Pepetela do Instituto Português-Camões foram insuficientes para albergar pais, crianças e artistas que quiseram estar presentes no acto de abertura da XIII edição do Luanda Cartoon, que aconteceu na noite de sexta-feira, 19 de Agosto. A festa de abertura do Festival Internacional de Banda Desenhada de Luanda

superou as expectativas e seduziu pessoas de vários extractos da sociedade luandense, com presença de figuras de topo no desporto e na política angolana, um gesto feliz para as artes visuais em geral, mas sem omitir o mérito que o Estúdio Lindomar, organizador do festival, merece.

Dos trabalhos expostos, mais de duas dezenas, “Enigma”, do artista angolano Sombra Angraf, bem no lado direito, à

entrada da exposição principal, já denuncia como a BD angolana se transpota para temas futuristas, consciente de que vivemos numa expansiva sociedade de ferro. E lá dentro, Angraf volta a roubar as atenções com o seu “Kangila Antunes Estupendo”, uma mulher maravilhosa com os cabelos ondulados feito ondas do mar. Disse-nos que é uma homenagem à sua mãe, este interessante trabalho feito à base de grafite e aere-

grafia. Atenção que na escolha das cores faz lembrar Guilherme Mampuya, uma feliz intercessão entre a BD e as artes plásticas. Também, nesta linha futurista, encontramos trabalhos de artistas vistosos como Carnot Júnior. Mas a puerilidade habitual da BD angolana se eleva com nomes como Mergulhão e Elsa Baber, Casimiro Pedro (autor de Kota-Boy), Elias-Eclipse. Uma XIII edição ousada, não só pelas habituais cómico-pedagógicas caricaturas de Nelson Paim, mas também pela abertura a temas com traços eróticos, como se pode constatar pelos trabalhos de Júlio Pinto, do francês Julian Cordier, no seu trabalho “Clochard”, e do português Álvaro, para contrariar de uma vez por todas a tendência reinante de que o género BD seja apenas para adolescentes e crianças.

Publicações

Na segunda sala de exposição lançavam-se os novos livros de BD. Tarde ou não, Maniloy, artista BD da nossa praça que sempre apresentou os seus trabalhos em co-autoria, é um dos felizardos desta edição, porque viu concretizada a sua estreia individual no mercado. “Esse Luanda Cartoon, feito num clima de contenção financeira, supera por fazer tradição e mostrar como muitos angolanos gostam de BD. Também é uma no-

va visão da editora Corimba, que lança e que pode dar uma nova dinâmica na promoção de publicações de BD. Porque os trabalhos existem, mas faltou alguém que ajudasse a dinamizar os artistas”, analisa o cartoonista. Nelo Tumbula, autografou mais um livro de sua autoria. Reclamou que o Luanda Cartoon, passados treze anos de visibilidade mediática da BD, ainda é a única oportunidade que têm para apresentar as suas obras. Trouxe a quarta edição da sua revista “Bairro Nangol”, que desta carrega como título “O Evaporizador”, de 42 páginas e que mistura humor e intervenção social na temática. “Precisamos que cresça ainda mais, que se redobre mais o Luanda Cartoon”, apela.

Teles, ouvido quando autografava o número da sua revista Nova BD, cujo foco é o personagem Salomão, uma criança que é bem comportada, afirmou estar admirado pela aderência, embora se lhes falte muito para fazer um certame à altura dos anseios de tanta gente aí presente. “Temos muitos artistas bons, mas falta-nos gráficas e editoras, porque nós tiramos as revistas por meios próprios”, desabafa.

Tché Gourgel, um nome da BD que dispensa apresentações, estima que nesta edição a abertura surpreendeu

de todo, tendo ao mesmo tempo quatro autores nacionais a publicarem os seus trabalhos. “É um passo muito grande, mesmo em tempo de crise. Os apoios são muito poucos, mas este festival veio provar que a comunidade de artistas da BD não está presa aos ditames da crise”. Diante da adesão, se está ou não a possibilidade de ser semestral, mesmo estando claro e assente o talento diversificado dos autores, seria ainda sonhar em demasia, porque, argumenta o cartoonista, faltariam os apoios, visto que têm realizado este festival sem fins lucrativos. “Desde o início do projecto que a premissa sempre foi dar visibilidade e espaço da BD, bem como a criação de intercâmbio e a experiência com artistas estrangeiros. Só lutamos ainda para isso”, explica.

“Kong the King”, do convidado luso Osvaldo Medina, segue a base da famosa e universal estória do King Kong, mas a diferença é que na recriação BD do autor português não há um gorila, mas sim uma pessoa de grandes proporções e não morre. O enredo muda muito, mas a base segue a sequência do filme. O autor garante ser uma estória muito inocente, que se apresenta como alternativa à imaginação fílmica deste clássico americano.



Caricatura é um dos géneros da BD que mais se promove no Luanda Cartoon

PRESERVAR O LEGADO COM NOVOS TALENTOS

ADRIANO DE MELO |

Fecharam-se as cortinas de mais uma edição do Luanda Cartoon, o único festival de banda desenhada da África Austral, e ao longo de oito dias os participantes deixaram visível a sua vontade de dar continuidade ao legado desta arte, através de iniciativas mais inovadoras e criativas.

Novos títulos, como “Mwangolando”, de Maniloy, marcaram o Festival Internacional de Banda Desenhada, que este ano trouxe a experiência de Portugal, pelo cartoonista Osvaldo Medina, e alguns talentos nacionais ainda no anonimato.

Experiências, críticas, imaginação e criatividade ficaram expostas para o público nas paredes do Camões - Centro Cultural Português e na Mediateca de Luanda, onde foram exibidos diversos filmes de animação infantil, numa parceria com a Alliance Française.

O quotidiano foi e ainda é a principal “matéria-prima” dos artistas, que procuram entre as sátiras as diversas situações caricatas da sociedade angolana chamar a atenção para determinadas práticas erradas.

Porém, o mundo da banda desenhada angolana ainda precisa de um maior “brisa” para poder vincar. Os seus criadores, que reuniram em oficinas no Camões para perspectivar melhorias, continuam a ressentir pela falta de interesse das editoras, para colocarem os seus livros no mercado, dependendo, na maioria das vezes, de iniciativas particulares.

Apesar de ser um universo multimi-



Artistas da BD em exercício criativo na XIII edição do Festival Luanda Cartoon que acontece anualmente

lionário e grandioso, em termos de mercado, nos Estados Unidos e Europa, a banda desenhada angolana ainda tem um longo trabalho pela frente. A sua esperança reside no empenho destes jovens, que têm, anualmente, mostrado aos aficionados e curiosos o melhor da “arte sequencial”.

Para muitos é um erro, porque a banda desenhada, o “cassule” das artes, pode ser muito proveitosa na criação de hábitos de leitura, porque a associação entre imagens e textos, onde a primeira é predominante, ajuda muito as crianças nos primeiros “passos” rumo à leitura. A primeira vez que

tive contacto com a banda desenhada era ainda um adolescente. Hoje, este género está mais distante do leitor adolescente. Ele chega a ser visto como literatura para crianças. Um erro, porque os hábitos de leitura não devem ser limitados por géneros literários. O leitor, apesar do seu critério pessoal de selecção, não deve estar “amarrado” as cordas do tabú e menosprezar o que nunca tentou ler.

Esta mudança de pensamento é importante para se mudar o futuro da “nona arte” em Angola, porque o surgimento de um público maior, abre portas para o aparecimento de um merca-

do mais favorável para os criadores. Actualmente, muitos dos desenhadores de banda desenhada vêm os seus trabalhos limitados por falta de mercado e para darem continuidade ao seu talento fazem do cartoon o seu “ganha pão”. Porém, apesar desta saída, as oportunidades continuam a ser muito reduzidas, devido ao número de jornais que usam este género de arte nas suas páginas.

Se o futuro da banda desenhada é o cartoon em Angola ainda é uma incerteza, porque existe um longo caminho a ser percorrido, em especial pelos jovens criadores, para uma inversão do actual quadro.

O QUE É A MÚSICA GOSPEL?

Para algumas pessoas, a apresentação da pergunta que elegemos para intitular este texto pode suscitar aborrecimento, na medida em que ela tem sido abordada frequentemente pelos cantores de música gospel.

Nas definições apresentadas frequentemente por estes sobre a música gospel, sobressaem duas ideias, sendo que a primeira refere-se à música feita com o propósito de engrandecer a Deus, ao passo que a segunda faz menção à obra artística cujo autor pode ou não ser um cristão, uma vez que o objectivo prosseguido por quem a produz e canta não é outro senão o de louvar a Deus.

Embora estejamos conscientes da preponderância que uma das correntes de opinião, já citadas, possa ter no seio da sociedade, pretendemos trazer aqui alguns subsídios com o propósito de ajudar o leitor a compreender algumas questões que, infelizmente, não têm sido suficientemente analisadas publicamente à volta da questão inicial: o que é a música gospel?

Tenha em mente, caro leitor, que não se pretende encerrar definitivamente o debate sobre o assunto em referência, tampouco nos apresentarmos como tendo o domínio exclusivo sobre o mesmo; o reconhecimento dos nossos limites, enquanto humanos, e o respeito pelo pluralismo de ideias leva-nos a admitir a possibilidade de outras abordagens puderem vir a ser apresentadas, e esperamos que assim seja para que possamos alargar a nossa visão sobre o tema.

Origem da palavra

A palavra “gospel”, de origem inglesa, é composta pelos vocábulos God+Spell (literalmente soletrar Deus) e do seu significado, Evangelho, deriva o adjectivo “evangélico” atribuído tanto ao cristão como ao género musical cultivado por si.

Entre os cristãos evangélicos existe uma corrente de pensamento bastante difundida, segundo a qual o homem foi criado por Deus com o propósito de

adorá-Lo sobre todas as coisas. Logo, a finalidade da música gospel seria soamente cerimonial: celebrar, enaltecer, agradecer a Deus pelas bênçãos concedidas, pelo dom da vida, pela paz, enfim, por tudo, pois, segundo a Bíblia, o homem deve render-Lhe graça sem todos os momentos (1 Ts 5:18).

Louvor e pregação

O autor do salmo 150 exorta o homem a louvar ao Senhor. De facto, a música gospel é um louvor tributado a Deus por quem O serve e obedece a Sua Palavra pregada também através da música gospel.

Nesta linha de pensamento, o levita, ministro do louvor, é igualmente um pregador da Palavra de Deus. Envolver a congregação no ambiente de louvor e de adoração prestado a Deus era, e ainda é, em muitos casos, a missão para a qual os levitas são consagrados.

Inicialmente os ministros do louvor não ambicionavam o lucro comercial (Nm 3:5-12, 41, 45), tampouco a conquista de multidões de fãs, muito menos a recepção da honra tributada pelo mundo para o qual é apresentado pela imprensa.

Todavia, com o decorrer do tempo durante o qual a música gospel foi se impondo no seio da sociedade e da indústria cultural, altamente lucrativa, muitos ministros do louvor tornaram-se “comerciais” – facto que suscitou a interminável discussão em torno da “adoração ou comércio do sagrado”.

Não admira então que, atraídos pelo lucro, muitos levitas consagrados no altar tivessem de o ser e terminado as suas carreiras como músicos seculares, distantes e fora da Igreja. Tina Turner e Whitney Houston são apenas alguns destes casos que não são poucos.

O caso angolano

Em Angola muitos músicos se apresentam publicamente como cultores do gospel; com frequência anunciam-se lançamentos, sessões de venda e de autógrafos de discos,

realização de shows, etc..

No meio de toda esta actividade artística, certos músicos que se notabilizaram com a música secular aparecem também nos seus espectáculos entoando canções saídas dos meios cristãos, ao ponto de impressionarem alguns destes, e os seus fãs, com a imagem de «filhos de Deus» que alegam ser em algumas das suas canções.

Verdade seja dita, esta atitude prossegue única e exclusivamente objectivos comerciais, conforme já o dissemos. Trata-se de um acto de profanação praticado por uma simples criatura de Deus. Esta, entre outras características que possui, identifica-se pela busca incessante do dinheiro que parece ser a sua divindade, ao passo que o verdadeiro músico gospel, na qualidade de filho de Deus, tem-no como a fonte do seu sustento.

Pois, mais do que um simples artista que transmite emoção ao público, o músico gospel é um homem de oração, medita a Palavra de Deus e exalta nas suas canções o Verbo que se fez homem – Jesus.

Além disso, a ministração do louvor exige que o levita - aspirante ao sacerdócio - viva de acordo com a Palavra de Deus, pois, é Ele que o inspira a compor, a cantar, e tocar instrumentos debaixo da unção divina derramada sobre si.

O levita é acima de tudo um servo de Deus que canta para edificar a vida dos seus irmãos. Logo, não tem fãs, apenas irmãos; ele vive do altar do Senhor que supre as suas necessidades (Lv. 6:16-18; 1 Cr. 9:13).

Cura e pacificação do espírito

Os psicólogos são unânimes em dizer que a música pacifica o espírito. Tanto assim é que o tratamento de certas patologias de foro psicológico exige a utilização da música. Esta técnica chama-se musicoterapia.

Ora, a Bíblia nos informa que o rei Saul, quando possuído por um espírito maligno, era liberto do mesmo por meio da música tocada por Davi (1 Sm. 16:14-23).



JOÃO NGOLA TRINDADE

Entre os cristãos pentecostais existe a crença de que enquanto se louva a Deus este abençoa o crente com a cura da doença que o afligia, havendo mesmo uma canção com a qual se ministra a cura nos seguintes termos: “recebe a cura”. Na verdade, a música gospel é um meio de transmissão da benção divina ao homem que, depois de recebê-la sente-se motivado para glorificar a Deus.

Em Angola há testemunhos segundo os quais pessoas teriam sido curadas de certas doenças por Deus, justamente no momento em que O adoravam com hinos e cânticos espirituais.

É possível que isto tenha acontecido. Entretanto, anda por aí um conhecido músico secular que nos seus espectáculos musicais tenta reeditar o feito de Davi já assinalado por nós; nos shows que realiza orienta os fãs para que “pisem Satanás”.

Para desespero deste artista, nada, absolutamente nada (!) de extraordinário, divino, ou extra-natural tem acontecido sempre que procede desta maneira. O refrão “sai Satanás” não produz efeito algum para além do emocional. Mas por quê?

Este acto é praticado num ambiente vazio da presença do – “Senhor que cura” (Ex. 15-26). Além disso, esta acção visa exclusivamente a busca do dinheiro pago pelos assistentes do espectáculo artístico.

Com o levita sucede o contrário: enquanto canta a Palavra de Deus, o sobrenatural manifesta-se quando menos se esperava, conforme o exemplo que segue: “E perto da meia-noite, Paulo e Silas [...] cantavam hinos a Deus, e os outros presos os escutavam. E de repente sobreveio um grande terremoto, que os alicerces do cárcere se moveram, e logo se abriram todas as portas, e foram soltas as prisões de todos” (At. 16:25-26).

Acreditar na ocorrência deste facto é uma questão de fé e respeitamos o ponto de vista de quem pensa o contrário. Todavia, queremos deixar claro mais uma vez que, por meio do louvor estabeleceu-se uma ligação entre o homem e Deus que vai em socorro do Seu filho que O “adora em espírito e verdade” - objectivo inalcançável pela música secular.

Conclusões?

Não pretendemos apresentá-las. Do contrário estaríamos a forçar o encerramento do debate, objectivo para o qual não nos propusemos atingir. Todavia, esperamos que a nossa iniciativa seja seguida pela apresentação de críticas e sugestões que irão certamente motivar-nos a aprofundar o tema abordado.



Coro gospel

DONALD TRUMP, PROFETA DE UMA CIVILIZAÇÃO EM DECADÊNCIA?



ANTÔNIO BARBOSA DA SILVA*



Donald Trump

A Europa, a principal representante da civilização ocidental, dita humanístico-cristã, tem, durante a idade moderna ou o iluminismo, lutado, difundido, expandido e implantado, à força das armas, essa civilização em todos os cantos da Terra. Na sua expansão usou como motivo o de civilizar e cristianizar os povos pagãos, usando todos os meios necessários para atingir este fim. Nesse empreendimento, os valores humanístico-cristãos (como a dignidade da pessoa humana), a igualdade de direitos fundamentais, a liberdade e a fraternidade foram os alicerces e pilares tidos como pretextos na tal chamada acção civilizadora do mundo para além das fronteiras da Europa.

Secularização, a época pós-moderna e a inversão de valores

Hoje vivemos numa época pós-moderna, pós-industrial e pós-colonial, caracterizada pela descristianização da Europa, época da secularização. A missão do ocidente é agora secularizar o mundo, tornando-o pluralista em termos de religião, ética, estética, etc. À luz do Evangelho do Nosso Senhor Jesus Cristo, o que o Ocidente pretende fazer agora é, na realidade, re-paganizar o mundo através da desumanização e descristianização planetárias. Assim, propaga-se hoje o inverso dos valores cristãos e as virtudes negativas assim como elas estão

pormenorizadamente descritas na Bíblia Satânica (The Satanic Bible), escrita por Anton Szandor LaVey, New York: Avon Books, 1969. O propósito da Bíblia Satânica (BS) é combater, a todo preço, os valores e ideais evangélicos. Assim, onde o evangelho recomenda a virtude do amor, a BS recomenda o vício do ódio (uma virtude negativa), onde Cristo recomenda paz e amor a todos e até aos próprios inimigos, a BS recomenda guerra e a vingança segundo a lex Talonis: olho por olho e dente por dente.

Por exemplo, Jesus diz aos seus discípulos “se qualquer te bater na face direita, oferece-lhe também a outra” (Mat. 5,39.b). A Bíblia Satânica, pelo contrário diz: “Satanás representa vingança, em vez de oferecer a outra face”. (ibidem, página 25) [minha tradução]. Quanto à paganização do mundo, a seguinte história fala por si. Há alguns anos, um aluno meu, um pastor luterano, vindo da Tanzânia para escrever uma tese de doutoramento na Noruega, sobre o tema “o que é pecado na Tanzânia versus na Europa”, perguntou-me como é possível os missionários europeus – que ensinaram os africanos o que era o pecado – enquanto estes últimos eram considerados pagãos por aqueles, agora acusarem os cristãos africanos de serem primitivos e ultraconservadores na sua teologia, por exemplo, quando pregam sobre o pecado e as suas expressões concretas. Segundo o tal aluno, os seguintes actos eram há 20/30 anos expressões de pecado tanto na

África como na Europa: matar, roubar, levantar falso testemunho, cometer adultério, prostituir, o casamento entre homossexuais e lésbicas, o aborto provocado, a eutanásia, etc. Hoje, na Europa em geral, estes actos não estão a ser considerados como pecado, enquanto em África continuam a ser. Será que a Europa, influenciada pelos valores e ideais da Bíblia Satânica, prega hoje a inversão do evangelho de Cristo ou proíbe este último em nome da neutralidade de valores, universalidade dos direitos humanos, principalmente da liberdade religiosa, que para os cristãos na Europa, significa apenas o direito de não ser cristão ou de o ser mas não publicamente? Pelo contrário, todos os adeptos das outras religiões, principalmente os Muçulmanos, usufruem na Europa, o direito de praticar as suas religiões, conforme bem entenderem.

O relativismo ético como expressão do niilismo pós-modernismo

A época pós-moderna implementa efectivamente os valores e ideais da Bíblia Satânica (do satanismo), ao fundamentar a ética social contemporânea no tão chamado relativismo ético normativo, segundo o qual não existem valores éticos e normas éticas absolutas e universais. Este tipo de relativismo ensina que, em princípio, cada cultura tem a sua própria ética, isto é, os seus valores e suas normas específicas de conduta. E a nível cultural e social os povos pertencentes a culturas diferentes não devem interferir nas boas ou más acções e maus comportamentos uns dos outros. A nível individual de cada sociedade, afirma o relativismo ético normativo, que cada indivíduo tem o direito e a obrigação moral de viver conforme quiser, enquanto o governo tem o dever jurídico-político de, em primeiro lugar, garantir, a cada indivíduo os seus direitos fundamentais (por exemplo, o direito à paz social e segurança pessoal).

Em segundo lugar, afirma o relativismo ético normativo, segundo o qual, o governo tem o dever jurídico de obrigar a todos os grupos e a cada indivíduo a serem tolerantes uns para com os outros, no concernente às suas respectivas atitudes e aos seus respectivos actos e omissões e comportamentos. Esta é uma forma autêntica do egoísmo. Porém, apesar de todo o benefício que a Europa dá ao resto do mundo, pelo menos no que se refere à ética e espiritualidade, devemos lem-

brar sempre que ex oriente lux ...!

O egoísmo e as suas consequências nefastas para a sociedade e humanidade

O egoísmo como comportamento e modus vivendi, não é algo novo debaixo do céu pós-moderno. Tanto na Grécia antiga (os sofistas, 420 -376 a.C.) como na época moderna (Thomas Hobbes, 1588-1679) pregaram o egoísmo como ética relativista social. Convém esclarecer que há duas formas de egoísmos que são relevantes e interligados neste contexto: egoísmo ético e egoísmo psicológico. O egoísmo ético afirma que o interesse próprio é o princípio moral fundamental que cada um deve seguir. O egoísmo psicológico, que faz parte integrante de um conceito psicológico do ser humano, declara que este último é constituído de tal maneira que procura sempre satisfazer as suas próprias necessidades. O egoísta interpreta, por exemplo, a regra de ouro da seguinte maneira; “ajuda os outros para que eles te ajudem a prosseguir o teu próprio interesse”, e nunca por qualquer outra razão¹.

Para a motivação e a justificação última do egoísmo ético, Hobbes usa como argumento o egoísmo psicológico. Porém, uma consequência desastrosa de obrigar ou aceitar que todos sejam egoístas, seria um caos social, uma anarquia que podia desencadear uma guerra de todos contra todos, o que tornaria a vida desagradável, brutal e curta (cf. Thomas Hobbes, Leviathan²). Quem, a longo prazo, ganharia com este tipo de regime político e status quo? Ninguém, nem os próprios niilistas e relativistas ganhariam com isso, a longo prazo!³ O egoísmo ético é contraproducente, por ser incapaz de ser recomendado como um princípio universal.

Donald Trump - a encarnação do egoísmo posto em sistema

Bertrand Russell, laureado com prémio Nobel e célebre filósofo inglês do século passado, escreve o seguinte em 1990, o que hoje, à luz de um fenómeno humano como Donald Trump e outros de igual mentalidade, pode ser visto como uma mensagem profética: “Um dos paradoxos dolorosos do nosso tempo reside no facto de serem os estúpidos os que têm uma certeza, enquanto os que possuem imaginação e inteligência se debatem em dúvidas e indecisões”.⁴ Este citado caracteriza

bem a ideologia racista e incoerente de Donald Trump e a de muitos pequenos Trumps que proliferam por este mundo fora, propagando e trombeando, a tempo e fora de tempo, a sua ideologia egoísta, racista e desumanizante e anticristã. Uma tal ideologia é baseada numa ética anti-humanista, anticristã, niilista e relativista.

O Trump é um oportunista do tipo Hitler que usa, entre outros, a corrente imigratória, o baixo crescimento económico mundial e outras tendências negativas na sociedade, para arraiar a sua bandeira da libertação de todos os males. Isto pode ser perigoso a ponto de desencadear uma guerra mundial. Portanto, todos nós devemos lutar contra uma tal ideologia desumana, anticristã e perniciosa.

* *António Barbosa da Silva, Professor de Sistemas de Teologia, Ética e Cuidados de Saúde Mental da Universidade College Ansgar e do Seminário Teológico em Kristiansand, Noruega.*



Grécia

1- Barbosa da Silva, A. (2014).

<http://pt.scribd.com/doc/128210314/Etica-e-Politica-num-Estado-Democratico-de-Direito>;

<http://webphilos.wordpress.com/2011/02/15/egoismo-etico/2011.07.05>, kl. 23.30; La Follette, H. (2000), 2000, p. 129-130.

2- Hobbes, T. *Leviathan*, segundo: Edwards, A. (2002) "Hobbes" in *Interpreting Modern Political Philosophy: From Machiavelli to Marx*, eds. A. Edwards and J. Townshend: Palgrave Macmillan, Hound Mills.

3- Veja o jornal Terra Nova, Agosto de 2009.

4- Russell, B. (1990). *A Última Oportunidade do Homem*. Lisboa: Guimarães Editores.

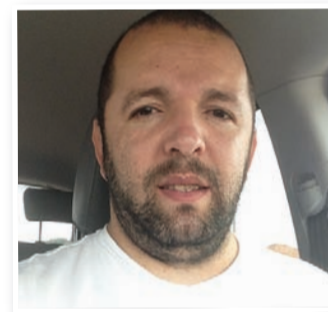
FUTUROS DESENGRAXADOS

Sentado numa esquina, na sombra, ao sol, por baixo de uma árvore, não importa qual, preferivelmente no centro da cidade, nas zonas mais movimentadas, bem cedo, cum-prindo rigorosamente o horário, esquecendo o calor ou lutando contra o frio, ignorando o vento ou maldizendo a chuva, testemunhando o passo apressado dos trabalhadores, a correria dos estudantes, a viagem do sol e a luta do trânsito, no seu mundo de não

olhar para as caras nem para as roupas, não interessar a cor ou a raça ou a etnia, o penteado, a barba ou bigode, o fato ou o jeans, não precisar de olhar nos olhos para falar. Sentado numa pedra, numa lata, num banco de madeira ou mesmo no cimento do passeio, numa escada, numa entrada ou num canteiro, em pares ou sozinho ou mesmo em pequenos grupos, escolhendo estrategicamente o local, longe da concorrência e perto do

chão. Com a cara baixa ganha o seu pão, não por serventia ou humilhação, não por medo ou vergonha, mas porque tem que fitar os pés para tomar decisões. Não vê olhos nem vê corações, dirige-se aos peões com a sua voz em frases curtas. Não precisa muito dizer, somente dar o seu serviço dar a conhecer, o brilho, o brilho, repete vezes sem conta.

O contraste da sua figura com a de quem recorre aos seus serviços, é o brilho do fato com a brancura da poeira entranhada na sua pele, o esbranquiçado das suas canelas, o modernismo do sapato a engraxar com a velhice dos seus sapatos, dos seus chinelos ou a ranhura dos seus calcanhares, a correria de quem procura um futuro com o seu presente estagnado, parado, sem futuro, sentado ali na esquina, no canteiro, na calçada, na lata ou no banco, a segurança de um emprego com a insegurança do que será para si o daqui a uma hora, logo a tarde e mais tarde, quando a noite chegar, o conhecimento académico e profissional com o seu débil conhecimento das letras e palavras, o ensino primário ou secundário mal acabado ou uma escola inexistente há muitos anos, a garantia de 2 ou 3 refeições com a incerteza de um estômago satisfeito, o acolhimento de um lar com a desestruturização da sua família, uma residência acolhedora com um bairro social, com violência e miséria, uma viatura com a luta do tá-



IVAN PERDIGÃO

xi ou ainda a longa caminhada, a refeição quente com o que encontrar na rua, o amor de um parceiro com a prostituição juvenil e irresponsável, o divertimento com a droga rasca e barata, o refrigerante com o álcool adulterado, a garantia de um futuro com a promessa de um futuro, um cérebro polido com um cérebro empoeirado. Não deixa de lutar, não foge da luta, não tem uma mão, uma mão que o suporte. Aguenta o trabalho, patrão de si próprio, são futuros desengraxados, para o polidor dos sapatos. Regressa dia após dia, variando e mudando de pouso, esperando umas moedas para o dia e para o futuro incerto. Não olha para o futuro, porque futuro pode não haver, não olha para as caras porque caras pode não as conhecer, não fica de pé porque de pé não trabalha, não entra na conversa porque com conversa não ganha. Olha para os pés, porque nos pés vai o sapato, o sapato que deixa a moeda, a moeda que compra o pão e a camisa, o pão e a camisa que garantem o presente, o presente que tem que viver, porque viver não sabe de outra maneira.



Cristo Rei (Lubango)

REFLEXÃO SOBRE FILOSOFIA DA HISTÓRIA*

Sou historiador de manhã e filósofo à noite. March Bloch



MIGUEL JÚNIOR

Nesta reflexão sobre a filosofia da história, o objectivo é destacar o valor do conhecimento histórico. Desta maneira, vamos abordar o conhecimento histórico em dois momentos. Começando pela importância da valorização dos testemunhos históricos e da sua narração e terminando com os aspectos relativos ao facto histórico e à veracidade histórica.

1. TESTEMUNHOS HISTÓRICOS E NARRAÇÃO

A filosofia da história, ou seja, a teoria da história é, no fim de contas, uma teoria geral das realidades humanas. Isto equivale dizer que as realidades humanas podem ser estudadas a partir de várias teorias. Desta maneira, a filosofia da história ocupa-se como tal com o estudo mais geral da “constituição essencial ou a morfologia dos factos históricos”, bem como com a “gênese da finalidade de tais acontecimentos, tomados em uma cadeia processual”. Além disso, é importante reter que a filosofia da história é no fim de contas a questão da gênese e do fim da própria história. Esta é a perspectiva histórica que há muito prevaleceu. Mas na época contemporânea a noção de filosofia da história tem a ver com a “historicidade” – base da história científica.

Para que se entenda a história como conhecimento em si, é essencial compreender duas tarefas fundamentais da filosofia da história. Antes de mais, há que reter que a história implica a compreensão dos eventos. Agora independentemente da sua natureza o evento possui relações, intenções,

agregações e vínculos. Como ele pode fazer parte de uma categoria específica de acontecimento (político, económico, cultural e militar). No fim de contas, estes aspectos constituem as bases da epistemologia da história e os suportes da constituição e do alcance histórico.

As tarefas da filosofia da história são as seguintes: a) conhecer a estrutura dos factos históricos (o que implica entender que a “razão histórica é narrativa histórica”); b) valorizar o conhecimento histórico (aquele se processa através de um carácter científico e que sempre é o que mais convém a quem faz a valorização). Por isso, a escolha pode recair para o positivismo e idealismo ou para o subjetivismo e objectivismo.

Expostas as duas tarefas da filosofia da história, passemos agora para o conhecimento histórico. Desde já, há que reter que a comunicação se processa de forma oral, escrita e através de inscrições em monumentos. Agora os elementos históricos constituem a “cultura objectiva” – “instrumentos da técnica” e “obras de arte”. Ao mesmo tempo, esses elementos assumem-se como testemunho. Aliás, o passado está patente no vestígio e no testemunho como tal. Em consequência, a história é composta de textos, monumentos, peças de cerâmica, relevos, etc. Todas essas fontes expressam o “espírito humano” no seu passado.

Assim, para os historiadores, o testemunho representa uma fonte de conhecimento que deve ser considerado como autêntico e também como uma “mera probabilidade”. No entanto, a clareza e a certeza históricas de um testemunho só são garantidas mediante a pesquisa histórica. Por via disso, a “força do testemunho reside na própria testemunha”.

Por isso, quer do ponto de vista de oralidade, quer do ponto de vista da escrita, o testemunho é tudo aquilo que se transmite como verdadeiro e



Peça de arte africana

certo. Logo, uma “preposição que enuncia o percebido ou conhecido é o testemunho”. Havendo testemunho, mesmo sem a presença do facto histórico, já estamos diante do conhecimento histórico. Ainda relativamente ao testemunho, há que destacar a existência de dois tipos de testemunhos:

- **Testemunho dogmático (visão teleológica);**
- **Testemunho histórico (acontecimento).**

Desta distinção é possível reter que por via do testemunho histórico podemos chegar aos factos passados. Para o efeito, uma das garantias é o recurso à crítica histórica através da “metodologia do testemunho” (Marc Bloch, 1995, p.21).

Uma das exigências da presente metodologia é assegurar que o testemunho é objecto de trabalho seguro, o que passa pela localização de vestígios e documentos. Desta base sobressaem uma abordagem heurística e uma abordagem crítica, que implicam examinação e entendimento. Desta maneira, a heurística é entendida como a arte de descobrir documentos do passado. Agora do ponto de vista de crítica, há duas formas de crítica: “Crítica externa” e “Crítica interna”.

Deste modo, a crítica externa per-

mite determinar a origem de um documento. Assim há que ver a sua integridade, o seu “estado original” e sua autenticidade. No tocante à crítica interna, o destaque vai para as questões de interpretação e autoridade. Por força disso, foram definidas duas formas de interpretação:

- **“Crítica do sentido: hermenêutica”;**
- **“Crítica de autoridade”.**

A primeira procura destacar muito mais o “aspecto individual da vida”. A segunda trata de identificar a competência e a sinceridade do autor de um documento. Entretanto, há que descrever a narração histórica e perceber outras situações. Do ponto de vista da narração histórica, é preciso valorizar o “juízo histórico”, que difere do “juízo de autoridade” que vimos atrás. Desta maneira, para compreender o “juízo histórico” é indispensável antes de mais diferenciar o carácter “lógico” do aspecto “gnosiológico”.

Há que destacar o facto de que a questão lógica se reverte de carácter singular, o que torna o “juízo histórico” algo particular. Assim o que interessa na história não são os conceitos universais. O interesse fundamental da história é o facto individual e suas múltiplas conexões. Outro aspecto é

que do ponto de vista histórico, os factos não são estudados de forma isolada ou separada mas na sua relação. Daí que “um facto histórico tem valor quando é conhecido em suas conexões”. Por outra, é preciso considerar que o facto histórico objecto de estudo tem que ser visto em conjunto com a sua liberdade.

Como o conhecimento histórico deriva da conexão dos factos, aqui está implícita e explícita a narração. Esta é a tarefa do historiador, logo história é narração. Uma narração que requer, no entanto, diferenciação. Outro aspecto intrínseco a narração é que ela se processa através de um “passado real: nada se sabe do futuro e o presente é inenarrável”. Convém ter presente também que a narração se expressa por intermédio da conexão de uma pluralidade de factos onde a “razão histórica” se afirma, como é natural, como “razão narrativa”.

Deste processo narrativo assente numa base encadeada de factos está patente o “contínuo temporal”. Por força disso, quando se faz a conexão entre um presente e um passado, está-se a processar uma operação cognoscitiva designada por “síntese”. O que se pretende com este tipo de operação é estabelecer uma ligação entre “antecedentes imediatos ou distantes” e “consequentes”. Mas falar sobre “síntese” como operação cognoscitiva não basta. De antemão, é pertinente introduzir a análise como operação cognoscitiva. Tratam-se de duas operações inseparáveis, porquanto são processos de descrição e construção.

Na esteira do expresso, Juan Cruz Cruz (1995, p.51) destaca o seguinte:

A história (...) investiga o facto singular, enquanto original e único, inserido nas circunstâncias de espaço e tempo correspondentes: pois determina a ordem dos acontecimentos singulares, ou seja, realiza a síntese de uma pluralidade.

Por força desses traços, é de todo necessário proceder a distinção entre “síntese completa” e “síntese concreta”, na medida em que conhecimento histórico põe a nu conexões “do acontecer de uma maneira concreta”. Outro aspecto não menos importante a reter, de igual maneira, é o facto de que a “síntese histórica” tem que ter carácter projectivo, visto que um objecto do passado pode ser focado de duas maneiras: “absolutamente e conectivamente”. De resto, esta é uma das particularidades do próprio conhecimento histórico. Neste processo têm que estar presentes, como tal, dois olhares: o retrospectivo e o prospectivo.

Por esta razão, Juan Cruz Cruz (1995, p.55), na sua reflexão a respeito do processo em referência, menciona: “Por isso, o conhecimento histórico é epilodal: para ser compreendido, todo acontecimento requer uma consideração retrospectiva; no acontecimento gravita e se assumem os acontecimentos passados, na medida em que são convertidos em possibilidades. O acontecimento presente é uma totalidade de implica-

ções; e a explicação teórica consiste em expor as possibilidades reais do presente, que foram acontecimentos reais em seu momento.

No contexto em referência, é preciso destacar também que a narração histórica “expressa uma sequência de possibilitação que implica no exercício da liberdade e no uso das faculdades: trata-se de sequência contínua, um contínuo especial, distinto do lógico e do biológico”.

2. HISTORICIDADE E LEIS HISTÓRICAS

É preciso notar que cada facto histórico se insere no seu ambiente concreto, cabendo ao historiador proceder a sua reconstituição à luz do passado. Ainda assim, por força da acumulação de testemunhos, a possibilidade de tornar o “conhecimento [mais claro] aumenta, o que, por sua vez, favorece em termos de “convergência até a realidade passada”.

Em boa verdade, a história é o conjunto dos factos humanos interligados, os quais podem ser narrados. Esta realidade em concatenação é a historicidade. É a historicidade ligada ao ofício do historiador. Entretanto, o lado científico da história tem a ver com o seu aspecto crítico e não com o aspecto casual. A história não tem nada a ver com a experiência quotidiana. Ela funda-se e “elabora seu conhecimento em função de um método sistemático e rigoroso”. À margem destas questões relativas ao método, é importante atender que há factores que intervêm na “elaboração técnica do curso histórico”.

Em primeiro lugar, há que destacar a formação e educação do historiador. Assim, o conhecimento, que é algo relativo, é influenciado por vários aspectos que o tornam de certo modo dependente. Em segundo lugar, na história também se fazem sentir os “conceitos reflexos ou próprios” de um historiador. Nesta senda também devemos ter em consideração os subjectivismos do historiador e das testemunhas, porquanto esses aspectos interferem na determinação dos factos. Além disso, há aspectos que potenciam e favorecem o conhecimento histórico. Um é o interesse e a simpatia pelo passado. A vontade de conhecer e valorizar o passado facilita o processo do conhecimento histórico. Como há outros.

Outro assunto a considerar é a forma como o conhecimento histórico se forma. Por via de hipóteses que se formulam e de respostas que se obtêm, o “conhecimento histórico nasce e cresce pouco a pouco”. Ainda do ponto de vista da historiografia, a “compreensão histórica” não é a “reprodução do objecto”, mas sim a sua “composição”. Só nestas condições se obtém uma “síntese de entendimento” e se alcança a significação.

Outro assunto que não pode passar despercebido é que o método histórico permite comunicabilidade, universalidade e ele está aberto a todos. Só nestas condições o passado

histórico pode ser investigado em permanência.

Relativamente às leis históricas, a primeira constatação é que não há “um modelo absoluto ou apriorístico da história” porquanto tudo depende da liberdade humana. Mas esta liberdade só é observável por via dos factos históricos. Ainda neste domínio, outro assunto que desperta atenção é a periodização da história. O modo como se tem feito a periodização remete a história para ser entendida como um processo que pode suceder de dois modos:

1. Rectilíneo;

2. Circular.

Outra matéria não menos interessante, no contexto em análise, tem a ver com o sentido que se confere a história. Nesta óptica destaca-se “que é impossível conhecer cientificamente uma lei histórica universal que seja a razão suficiente das fases e vicissitudes históricas de todos os povos, no passado, no presente e no provir” (Juan Cruz, 1995, p. 88). Em paralelo, é preciso considerar que a “verdade da história funda-se no sólido fundamento da realidade do pretérito. E é isto que dá vida ao objecto da história onde também se encontra patente o facto contingente. Aqui também há espaço para entender que o “objecto da história não é o passado como tal: nem todo o pretérito tem história ou é “históriavel”.

Assim há que valorizar os factores influentes e de cuja dimensão social influenciam os processos históricos. Apesar disso, há espaço para considerar a “individualidade histórica” dentro de um contexto e com todas suas conexões. Alíás, na vida prática, quer na modernidade quer na contemporaneidade, nós encontramos muitos exemplos que atestam a importância e o papel da “individualidade histórica”. Na história particular de cada país há várias individualidades históricas. Estas personalidades históricas foram os motores das mudanças e eles fizeram história. Logo fica difícil tecer considerações sobre o percurso histórico de um país em concreto sem que se faça menção ao papel que eles desempenharam nos seus contextos históricos.

As matérias sobre o conhecimento histórico não se resumem, no entanto, sómente a estes assuntos. Há outras que vão desde a estrutura do facto histórico à génese e ao fim da história.

CONCLUSÕES

Depois desta incursão, podemos sublinhar que a filosofia da história é uma ferramenta de trabalho e de conhecimento que nenhum historiador (ou candidato a historiador) deve prescindir. Ela fornece teorias e instrumentos da lavoura histórica os quais enriquecem o cabedal de um historiador e criam um vasto horizonte.

A filosofia da história é um campo muito alargado. Ela surgiu no ambiente das luzes no século XVIII. E ela se foi configurando ao longo dos tempos com outras e variadas contribuições de diferentes pensadores. Desta maneira, e neste ponto, convém sempre abordar a questão na perspectiva de filosofias e teorias da história, na medida em que nos séculos XIX e XX surgiram outras interpretações e contribuições.

Os pensadores mais destacados neste domínio começam com Kant, passam por Hegel, Comte, Spengler, Marx, Toynbee, sem esquecer outros tantos. Estamos em crer que no século XXI surgiram outras contribuições, as quais enriquecerão a filosofia da história.

BIBLIOGRAFIA

BARROS, José D'Assunção – *Teoria da História, Volume I, Princípios e Conceitos Fundamentais*, Editora Vozes, Petrópolis, 2011.

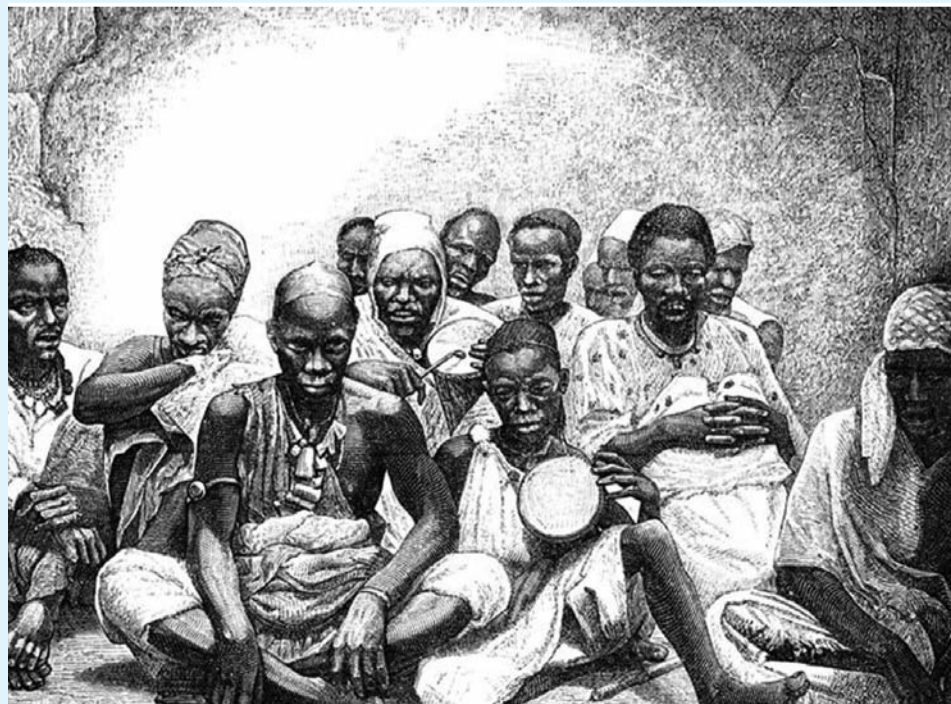
BLOCH, Marc – *História e Historiadores*, Editorial Teorema, Lisboa, 1998.

BOURDÉ, Guy e MARTIN Hervé – *As Escolas Históricas, Publicações Europa-América, Mira Sintra, 2003.*

CRUZ, Juan Cruz – *Filosofia de La Historia*, Eusa, Navarra, 1995.

GOMES, Raul Rodrigues – *Introdução ao Pensamento Histórico, Livros Horizonte, Lisboa, 1988.*

MARROU, Henri-Irénée – *Do Conhecimento Histórico, Rei dos Livros, Lisboa, 1991.*



Griots africanos

POEMA DE MÁRIO PEREIRA

ONZALA

Ngiva kusanguluka kwami dikanga
Ngiya kumusota anga ngijimbidila
Mu ilunga iyi yezala itetu, ngididila
Mukwijiya ngalembwa kumusanga

Ngiva kusenguluka kwami kulanga
Windwa wiza kungizukama, kuxidila
Jipangu jami joso jikala kudifufujula
Mu ulebelu wa njila kifwa kyakalunga!

Ngiva upulungu wa ngongo kusunga
Kusunujuna mwenyu wabendujukila
Mukuwufukamesa, mukuwubikijidila
Mukudinwisa mu tina mwala manyinga

Ngiva kusanguluka kwami kungilenga
Mukomona kambonga kami kujimbila
Kilunga kya dibata, anga ukala mukudila
Ukambelu wa mbolo umuxisa ni kubenga

Ngiva kusambalala kwa kufwa kulenga
Kyoso muthu ulayela ku tandu ya mbila
Ikala, mu izwa yoso, kidi, kumukingidila
Ndu kizwa kya kufwa kyakakumusenga

Ngiva we hanji mulaye kwimbila anga
Wimbilu wabonzejela mukonda njila
Dijina dye kilombelombe, kuvumujukila
Kididi kyala kimbi ni nzumbi mwalunga

Mukonda nzala yamuditunine kulanga
Mukutu wabele, wabwila, ki waswila
Mu sambwa wa njila dijina dyajimbidila
Mbata kitangelu kye akinyana, kakisanga

Mu disukilu dya mwenyu exi tudisanga
Mu mwenyu wakamukwa wakafikidila
Ukambelu wa nzala iminya, izumbukila
Ikambesa we hanji kididi kyakudilunga

Nzala ilolesa ufwilu kyoso mvula ilenga
Ilengesa isunji, imalaweza windwa wila
Kuma mutumini wa kalunga ukingidila
Ulangelu wa kufwa sekukala kuwukinga

A FOME

Sinto a minha alegria distante/Vou a sua procura e perco-me/Por estas veredas repletas de escombros e choro/Por saber que não consegui encontrá-la

Sinto a minha pobreza proteger/A desgraça que vem junto de mim, sujar/As manhãs virtudes que se empoeiram/Ao longo da avenida q caracteriza a morte!

Sinto a pobreza do mundo puxar/Esticar a vida em cambaleio/Para fazê-la ajoelhar, para escravizá-la/Por embeber-se de um barril de sangue

Sinto a minha alegria fugir de mim/Por ver o meu puto esquecer/O caminho para casa e fica a chorar/A ausência de pão que o deixa guloso

Sinto o descanso da morte fugir/Quando alguém vai vivendo sobre a campa/Que fica, sempre, vero, à sua espera/Até ao dia próximo da mor-



te que dele se há-de apartar

Também ouço, quem vive, cantar/Um canto que se entristecera porque uma ave/Seu nome Kilombelombe, esvoaçara para/Um lugar onde jaz um corpo com a alma no Além

Porque a fome se lhe negara proteger/Um corpo magro, cansado, sem valor/A beira de um caminho com nome perdido/Porque o seu leteiro foi roubado, não o encontram

Dizem que nos encontramos, no fim da vida/Numa outra vida que há-de suportar/Ausência da fome que engole, que vai matando/E que também torna inexistente um lugar de concordância

A fome faz provar a morte quando a chuva foge/Afugenta espíritos, espiritualiza a desgraça que afirma/Que o seu ordenante da morte vai aguardando/Pelo seu cumprimento sem que se esteja à sua espera

